

# Tradução interconfessional da Bíblia em Português

JOSÉ AUGUSTO RAMOS  
Instituto Oriental da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa

Com este pequeno comentário pretende-se fazer a apresentação de uma nova tradução da Bíblia em português, recentemente publicada. Trata-se da *Bíblia Sagrada*, editada pela Sociedade Bíblica, Lisboa, 1993. Simultaneamente e para uma edição contendo também os livros deuterocanónicos<sup>1</sup>, a Sociedade Bíblica teve a colaboração da Difusora Bíblica<sup>2</sup>. O que motiva o autor destas linhas para falar sobre este acontecimento editorial e o facto de ter pertencido a equipa técnica de tradutores e de lhe ter cabido, durante mais de dez anos, a coordenação científica dos trabalhos.

Começou-se a trabalhar nesta tradução já pelos inícios da década de setenta e só no final de 1993 e que foi atingida a publicação definitiva. Um pouco mais de vinte anos e já uma duração assinalável para envolvimento num projecto deste teor. E fazer aqui a sua apresentação justifica-se, porque a empresa de traduzir a Bíblia em português não é de nenhuma maneira um acontecimento vulgar, mesmo tendo em consideração que a primeira tradução completa para a nossa língua foi realizada há já aproximadamente trezentos anos<sup>3</sup>.

Para além disso, esta tradução tem ainda a característica de ser uma das primeiras a serem feitas directamente dos textos originais, dentro do contexto sociolinguístico do português de Portugal; e é seguramente a primeira de entre as que foram traduzidas do original a ser colocada a disposição de um público alargado. Este facto de grande significado explica-se numa rápida síntese sobre a história da tradução bíblica em português, que passamos a fazer não só como comprovativo da afirmação produzida, mas também como memorial daqueles

---

<sup>1</sup> Mais adiante focaremos este aspecto, que tem as suas implicações editoriais específicas, dentro do presente projecto.

<sup>2</sup> *Bíblia Sagrada*, Tradução interconfessional Difusora Bíblica, Lisboa, 1993.

<sup>3</sup> Ver José A. RAMOS: tricentenário da morte do primeiro tradutor da Bíblia para português., em *Cadmo* 1(1991), p. 168-170.

que nos precederam na mesma tarefa e cuja presença é, por isso mesmo, bem viva e influente neste acto.

---

## 1.

### *Tradução da Bíblia em português*

---

Não pode ser pretensão nossa fazer aqui uma história da tradução bíblica em Portugal<sup>4</sup>. Alguns anos antes de se ter iniciado o trabalho para a tradução agora chegada a termo, um grupo de biblistas<sup>5</sup>, coordenados editorial e literariamente por José Galamba de Oliveira, com a direcção artística do Arq. Júlio Gil e o patrocínio de uma instituição bancária (é por louvor que o refiro)<sup>6</sup>, fez uma tradução<sup>7</sup>, que terá sido a primeira da Bíblia completa a ser realizada em Portugal directamente dos textos originais. Pena é que esta tradução tenha ficado confinada numa edição de tipo monumental e não tenha podido, por essa circunstância aprestar o seu contributo no âmbito dos estudos bíblicos das últimas décadas em Portugal. O vazio existente justificaria inteiramente esta valorização editorial de um empreendimento muito meritório. Foi certamente aquele que dispôs da mais ampla colaboração de biblistas até hoje, em Portugal. E bastante falta nos fez esta tradução não ter estado em ampla circulação, ao longo destes quase quarenta anos já passados. Teríamos seguramente conhecido uma evolução diferente, em matéria de utilização dos textos bíblicos em Portugal.

---

<sup>4</sup> Sobre isto podem ver-se sínteses, no geral sumárias, em Joseph SCHARBERT: In produção à Sagrada Escritura. Petrópolis, 1983, p. 165-169; B. M. METZGER: "Versions, medieval, modern (non English)", em *Interpreter's Dictionary of the Bible*, N. York, 1962, IV, p. 776-7; José Manuel SANCHEZ CARO (coord.): *La Biblia en su entorno*, Estella (Navarra), 1990 1, p. 537-574; *Bíblia Ilustrada*, Porto, 1961, I, p. 32-37; *Enciclopédia de la Biblia*, Ediciones Garriga, Barcelona, 1963, V, c. 1156-1157; *Enciclopédia Judaica*, N. York, IU c. 841-889; Eugene NIDA (Ed.): *The book of a thousand tongues*, Londres, 1972, p. 357-358; *Dictionaire encyclopédique de la Bible*, Brepols, Paris, 1989, p. 13341335.

<sup>5</sup> os dezassete colaboradores referidos ao longo dos vários volumes são José Galamba de Oliveira, António Gregório Neves, Joaquim Mendes de Castro, José António Godinho de Lima, Manuel Teixeira Borges, Manuel Rodrigues Martins, António Augusto Tavares, Albano de Carvalho Vilela, Geraldo Coelho Dias, Américo Henriques, Teodoro de Faria, Manuel Augusto Rodrigues, José Nunes Carreira, Joaquim Pereira Macedo de Lima, José da Costa de Oliveira Falcão, Luís Gonzaga da Fonseca e António Patrocínio Gonçalves. Na maioria eram professores dos Seminários Maiores; mas havia alguns a trabalhar na recentemente criada Universidade Católica Portuguesa e mesmo um, Luís Gonzaga da Fonseca, que ensinava no Pontifício Instituto Bíblico.

<sup>6</sup> Em frontispício ao vol. I e atribuída a propriedade e realização a Afonso Pinto de Magalhães, Agnelo Galamba de Oliveira, António Correia da Silva e Augusto Dias Arnaut.

<sup>7</sup> *Bíblia Ilustrada*, Editorial Universus, Porto, 1957-1970.

Uma das edições da Bíblia que mais tem circulado em Portugal, nos últimos trinta anos, a da Difusora Bíblica <sup>8</sup>, não nasceu propriamente como uma tradução feita a partir dos originais. No entanto, há um pouco mais de vinte anos foi objecto de uma revisão <sup>9</sup>, para a qual se tomou como base os textos bíblicos originais e que foi realizada por alguns dos biblistas portugueses de maior nomeada, na altura <sup>10</sup>. Foi, no entanto, uma revisão e não constituiu uma nova tradução. E todas as revisões ocorrem dentro de condições que limitam a sua eficácia.

Para trás dos anos sessenta, só três traduções completas da Bíblia se podem assinalar no âmbito da língua portuguesa praticada em Portugal. São elas, começando pela mais recente, a do Pe. Manuel de Matos Soares <sup>11</sup>, a de António Pereira de Figueiredo <sup>12</sup> e a de João Ferreira de Almeida <sup>13</sup>. E mesmo assim, a situação desta última era inteiramente específica e *sui generis*, uma vez que nasceu enquadrada num contexto asiático-oceânico, em que o português estava na situação de uma língua franca, muito distante da sociedade de Portugal e das suas movimentações linguísticas e culturais.

<sup>8</sup> A primeira edição foi em 1964. E teve, antes disso, uma longa preparação com edições do âmbito do Novo Testamento e um *Antigo Testamento* abreviado. Difusora Bíblica, Lisboa, s/d., que era uma espécie de antologia, em que o único livro completo era o dos Salmos.

<sup>9</sup> A primeira publicação do texto revisto foi na quinta edição, publicada em 1973.

<sup>10</sup> Os referidos na primeira edição revista são: Alcindo Costa, António Augusto Tavares, Geraldo Coelho Dias, Joaquim Carreira das Neves, Joaquim Macedo Lima, José Nunes Carreira e Manuel Augusto Rodrigues. A maioria destes tinha já participado na tradução da Bíblia ilustrada. Em edições mais recentes do mesmo texto, começou a ser inserido nesta lista o nome de José Augusto Ramos, que, vindo, na altura, do Pontifício Instituto Bíblico, colaborou em aspectos de coordenação técnica, sem fazer propriamente revisões da tradução.

<sup>11</sup> Bíblia Sagrada, Porto, 1933-1934.

<sup>12</sup> A Bíblia Sagrada, Lisboa, 1778-1790, com revisões em 1804~1805 e 1819. Esta Bíblia foi, durante muito tempo, a tradução mais utilizada pelos católicos e mesmo não-católicos portugueses. Foi muito editada por uma editorial chamada depósito das Sagradas Escrituras, na Praça Luís de Camões 20, Lisboa. Além disso, era apreciável a sua qualidade literária, cf. Josef SCHARBERT: op. cit. p. 167-168; Bíblia Ilustrada, Porto, 1961, 1. p. 32-33.

<sup>13</sup> Começada pelo próprio (o Novo Testamento e o Antigo Testamento, desde Génesis ate Ezequiel, sendo os últimos livros traduzidos por missionários holandeses que usavam, como Almeida, o português como língua franca, foi sendo editada por partes e entre Amesterdão (1681) e Batávia (1691-1751). Ver José A. RAMOS: Art. cit., em Cadmo 1 (1991), p. 168-170; J. L. SWELLENGREBEL: "João Ferreira de Almeida, um tradutor português da Bíblia em Java", em A Bem da Língua Portuguesa. Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, 24 (1973), p. 156-166; Eduardo MOREIRA: O "defensor da verdade", Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Lisboa, 1928; Francisco José VELOSO: "O centenário do primeiro tradutor da Bíblia em português: João Ferreira de Almeida (sec. XVII)", em Notícias de Guimarães, 12 de Julho de 1991, p. 12-13; David LOPES: Expansão da Língua portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XV e XVIII ... p. 173-179; Josef SCHARBERT: op. cit. 1983, p. 167.

E de qualquer modo, estas três mais antigas traduções da Bíblia completa em português foram feitas ou a partir do texto latino da Vulgata, caso da de António Pereira de Figueiredo e de Matos Soares, realizadas em contexto católico, ou apoiando-se noutras traduções conhecidas na Europa do séc. XVII. É este o caso da de João Ferreira de Almeida<sup>14</sup>, que foi feita em contexto da Reforma de inspiração holandesa e mesmo em parte completada por holandeses, falantes estrangeiros do português língua franca. A isto não obsta o carácter marcadamente literal da tradução de Almeida, o qual não precisa de ser considerado como exclusivamente dependente de uma espécie de fundamentalismo literalista de espírito reformado, mas que constitui um critério e um modelo básico de tradução bíblica, de que conhecemos múltiplas realizações no séc. XVII e XVIII<sup>15</sup>.

Existiu um modelo de tradução completamente diferente, que consistia em misturar a tradução do texto com injeção de comentários de significado e utilidade variada, inseridos dentro do próprio texto da tradução. No domínio da Bíblia, este procedimento foi, no século passado, adoptado numa “versão” da Bíblia feita por Francisco de Jesus Sarmiento<sup>16</sup>. Este modelo de tradução por excesso ainda recentemente apareceu numa “versão” portuguesa do Novo Testamento<sup>17</sup>. Alias, trata-se de uma tradução do original inglês de uma Bíblia que se apresenta como uma paráfrase<sup>18</sup>.

Tudo isto significa que, ate aos anos sessenta, a relação da língua portuguesa com o texto bíblico se processava de uma maneira ainda bastante indirecta. Este simples dado veicula muitas consequências nível hermenêutico e cultural, que poderão parecer algo subtis, mas que são reais.

Não eram prioritariamente as razões científicas que levavam os tradutores católicos a traduzir a Bíblia da Vulgata; eram, sim, razões canónicas, uma vez que essa foi a medida de segurança tomada para se poder facultar ao povo católico a leitura da Bíblia em língua verná-

<sup>14</sup> Cf. Josef SCHARBERT: Op. cit. p. 167.

<sup>15</sup> Até num dicionário como o de J. M. de OLLONE: *Lexicon hebraico-chaldaico latino biblicum*, Avignon, 1765, nos deparamos com a técnica de versão “literal” que obriga a grafar em itálico todas as palavras que não correspondem directamente ao texto original hebraico.

<sup>16</sup> História Evangélica (Novo Testamento, Lisboa, 1777-1778: História Bíblica (Antigo Testamento), Lisboa, 1778-1785. Cf. Josef SCHARBERT: Op. cit., p. 168. O facto de levar em paralelo o texto da Vulgata mostra que se pretende com o texto português fazer uma tradução. No entanto, este não tem sido o parecer dos historiadores da Tradução Bíblica que, ao fazer a história da mesma, tem generalizadamente deixado de fora este caso.

<sup>17</sup> Trata-se de O Livro, Edições Europa-America, Mem Martins, s/d.

<sup>18</sup> *The living Bible, paraphrased*, Wheaton, 1971.

cula<sup>19</sup>, o que já significava uma abertura corajosa. Os primeiros cinquenta anos deste século não ficaram vazios sob o ponto de vista de tradução da Bíblia. Para além da tradução do P. Matos Soares, as antigas traduções de J. F. de Almeida e A. P. de Figueiredo foram sujeitas a várias revisões, assinalando-se mesmo o esforço por construir um texto comum aos falares de Portugal e do Brasil<sup>20</sup>.

Uma outra tradução da Bíblia tem corrido em português, as vezes com a indicação de versão brasileira, chamada a Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. E a tradução feita sobre o texto inglês padrão da central americana das Testemunhas de Jeová<sup>21</sup>. Mas esta tradução está tão comprometida com as posições ideológicas e teológicas da seita, que se torna histórica e cientificamente inutilizável.

Ao construirmos assim este quadro com os dados relativos a Portugal, não queremos sugerir qualquer interesse em deixar de fora os dados referentes a tradução da Bíblia no Brasil. De facto, ali se tem dado, nos últimos tempos, um apreciável contributo para os estudos bíblicos em língua portuguesa. E em vários domínios das ciências bíblicas os brasileiros tem produzido mais do que os portugueses.

Contudo, no domínio propriamente da tradução Bíblica e se prescindirmos de algumas traduções de partes da Bíblia, nomeadamente do Novo Testamento<sup>22</sup>, também no Brasil se teve de aguardar pelos meados dos anos cinquenta para se ver aparecer uma tradução da Bíblia, que, feita a parte dos textos originais, pudesse representar, de maneira mais directa, a atitude científica e hermenêutica dos tempos actuais<sup>23</sup>. Antes disso, e quanto a edições completas da Bíblia, praticamente só se pode referir a insistente actividade de revisão, que por vezes e rotulada de tradução, tal como aconteceu com uma feita simultaneamente para a Sociedade Bíblica do Brasil e para a American Bible Society<sup>24</sup>, que ficou conhecida como a “versão brasileira”.

Entretanto, como expressão de que se sentia alguma necessidade de mudança, mas também de que se não tinha ainda capacidade para

<sup>19</sup> Ver Josef SCHARBERT: Op. cit., p. 168.

<sup>20</sup> Eugene NIDA: *The book of a thousand tongues*, The United Bible Societies, Londres, 1972, p. 358.

<sup>21</sup> A Watch-Tower and Tract Association, N. York.

<sup>22</sup> Haja em vista a Tradução do Novo Testamento publicada entre 1845 e 1847, no Maranhão, da autoria de Joaquim Bispo de Coimbra.

<sup>23</sup> A Bíblia, Antigo e Novo Testamento preparada pela Liga de Estudos Bíblicos, Agir, Rio de Janeiro, 1955. A primeira edição desta Bíblia ficou, no entanto, incompleta. Foi reeditada pela Editora Abril, S. Paulo, 1965. Os seus vinte e oito tradutores-colaboradores fazem desta tradução a realização de maior alcance no âmbito do português, no Brasil.

<sup>24</sup> Eugene NIDA (Ed.): op. cit., p. 358.

uma radical inovação nestes domínios, continuam a realizar-se, no final dos anos cinquenta e na década de sessenta, revisões e correcções nos textos tradicionais da tradução portuguesa de J. Ferreira de Almeida, quer para o Brasil<sup>25</sup>, quer para Portugal<sup>26</sup>.

Temos estado, por conseguinte, a assistir a um desenvolvimento, de alguma maneira paralelo, entre a maneira como evoluiu a tradução Bíblica em Portugal e no Brasil, ou pelo menos a uma espécie de causa comum entre ambos os países. O amadurecimento contemporâneo de ambos verifica-se também no facto de as duas primeiras traduções feitas dos originais terem aparecido no Brasil e em Portugal praticamente na mesma época<sup>27</sup>.

Contudo, o afã de renovação que caracterizou os anos sessenta manifestou-se entusiasticamente; esse entusiasmo foi notório sobretudo no Brasil e talvez se tenha ficado a dever a sua maior capacidade de iniciativa editorial. Expressão disso foi a vontade de valorizar, no âmbito do português, os mais célebres produtos recentes no campo da tradução da Bíblia. E assim foram transpostas para português, com uma maior ou menor ligação directa aos próprios textos originais bíblicos, a chamada Bíblia do Pontifício Instituto Bíblico, que fora publicada em italiano sob a direcção do P. Alberto Vaccari<sup>28</sup>, a Bíblia dos monges beneditinos de Maredsous<sup>29</sup> e a mais famosa e difundida de todas as Bíblias na actualidade, a Bíblia de Jerusalém<sup>30</sup>.

Duas outras Bíblias em português e de aparecimento mais recente devem ser mencionadas. Em primeiro lugar, e a da Editora Vozes<sup>31</sup>, na

---

<sup>25</sup> Ver a revisão desta com base simultaneamente do Texto de J. Ferreira de Almeida e da “versão brasileira” anteriormente referida, empreendida pela Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro, 1958. Verifique-se a complexidade dos compromissos com o passado implicada neste projecto.

<sup>26</sup> As “United Bible Societies” detêm o copyright de uma edição revista e corrigida, desde 1968, e que continua a ser editado pela Sociedade Bíblica de Portugal até ao dia de hoje, em edições sucessivas.

<sup>27</sup> Referimo-nos a edição finalmente completa da tradução realizada pela Liga de Estudos Bíblicos do Brasil, que não conseguiu ter grande influência, uma vez que só nos anos oitenta o seu texto foi publicado em edição popular, pelas Edições Loyola; referimo-nos igualmente a tradução portuguesa da Bíblia Monumental.

<sup>28</sup> Bíblia Sagrada, Edições Paulinas, São Paulo, 1967.

<sup>29</sup> Bíblia Sagrada, Editora “Ave Maria”, S. Paulo. Esta, com a habitual adaptação, foi também editada em Portugal.

<sup>30</sup> A Bíblia de Jerusalém, edições Paulinas, São Paulo, 1976.

<sup>31</sup> Bíblia Sagrada, Vozes, Petrópolis, 1984. Tendo como coordenador geral Ludovico Garmus, a equipa de tradutores e revisores era composta por mais de uma dúzia de biblistas, entre os quais Emanuel Bouzon. Agora colaborador permanente de Cadmo. E, sendo o copyright de 1982, a edição que citamos, de 1984, e já a décima, o que significa uma grande aceitação.

qual se sentem já bastantes preocupações dos modelos de tradução bíblica de épocas mais recentes, tais como os que acabaram por dar configuração ao modelo da *New English Bible*<sup>32</sup> ou da *Nueva Biblia Española*<sup>33</sup>. Apesar de tu do, o modelo seguido pela Bíblia da Vozes situou-se um pouco mais próximo da tradicional tradução formal com a abundância dos seus materiais de apoio. Notas e comentários são diferentes dos das duas outras Bíblias. E a situação cultural brasileira não terá sido a isso indiferente. O facto de terem encomendado a introdução ao conhecido pedagogo bíblico Fr. Carlos Mesters é sinal de que houve a preocupação real de acertar na linguagem dos receptores.

Fruto da fusão e nivelamento de modelos que se vem operando e que evidencia a existência de pontos de convergência e de consenso entre um número muito alargado de biblistas e a Bíblia Pastoral que saiu com pouca diferença de tempo, em edição brasileira<sup>34</sup> e portuguesa<sup>35</sup>. Esta Bíblia distingue-se por ter sido feita por uma equipa de produção praticamente reduzida ao mínimo<sup>36</sup>. E caracteriza-se por um aproveitamento de modelos de tradução e soluções literárias de objectivo pastoralizante<sup>37</sup>. Dai o nome de Bíblia Pastoral Tem interesse e alguma eficácia o tipo de notas praticado, o qual esta claramente voltado para produzir comentários de conjunto a cada uma das secções literárias. Isto comporta certamente algum interesse pedagógico, se bem que tal comentário possa correr o risco de fazer resumos repetitivos do conteúdo da mesma perícopes. A edição portuguesa e dependente da brasileira, revista e depurada de brasileirismos. Os comentários do Antigo Testamento foram profundamente revistos e muitas vezes refeitos pelo biblista português Fr. Raimundo de Oliveira. E deve assinalar-se que a revisão que fez do texto das notas foi frequentemente profunda e enriquecedora. se não se percebe porque o não fez igualmente para o Novo Testamento.

<sup>32</sup> *The New English Bible*, Oxford University Press / Cambridge University Press, 1970.

<sup>33</sup> *Nueva Biblia Española*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977. Ver José A. RAMOS: Art. cft., em Cadmo 1 (1991), p. 157-158.

<sup>34</sup> A Bíblia Sagrada. Edição pastoral, Edições Paulinas, São Paulo, 1990.

<sup>35</sup> Bíblia Pastoral, São Paulo, Edições Paulistas, Lisboa, 1993.

<sup>36</sup> Os tradutores foram somente dois, o que não é nada habitual em empreendimentos deste género e complexidade. Aliás, a Tradução parece assentar já sobre um texto base cujo copyright e propriedade da Sociedade Bíblica Católica Internacional (SOBICAIN), a qual, como se diz na apresentação da edição portuguesa, “é um organismo próprio da Sociedade de S. Paulo”.

<sup>37</sup> Neste sentido, estas Bíblias partilham algumas preocupações com o modelo de tradução que aqui estamos a apresentar e a seguir caracterizaremos melhor.

Podemos dizer que, desde que se começou a levantar a questão da transposição da Bíblia para as nossas línguas vernáculas, a partir do século XV<sup>111</sup>, tem-se mantido, no âmbito da língua portuguesa, uma actividade com alguma persistência, se bem que algo lento, para as nossas necessidades. E, apesar do aparente marasmo, os últimos quarenta anos estão marcados por uma clara intensificação do trabalho. Desde a década de cinquenta esteve em publicação a *Bíblia Ilustrada* até 1970, a Bíblia da Difusora fez o seu aparecimento e evolução e, precisamente no início da década de setenta, começa-se a trabalhar na tradução cujo resultado final agora apresentamos.

---

## 2.

### *Modelo e método*

---

Feito assim o enquadramento histórico da tarefa de traduzir a Bíblia em português, e tempo de concentrarmos agora a atenção na tradução cujo aparecimento aqui nos traz.

Falávamos anteriormente de um certo renascimento na Tradução da Bíblia em português, que, aplicando os modelos científicos tradicionais, se reconhece nos anos sessenta. Ora, nessa mesma década, assistiu-se ao encaminhar das preocupações de tradução da Bíblia para uns objectivos que ultrapassavam o simples rigor científico no tratamento dos originais. Este novo modelo caracteriza-se pela sensibilidade em se procurar que a língua do receptor, utilizada como ponto de chegada da tradução, se apresente inteiramente actualizada e identificada com a maneira como esse mesmo receptor se exprime no dia-a-dia. Eugene Nida foi o propagandista da elaboração teórica destas preocupações no domínio da tradução da Bíblia<sup>38</sup>. E lembramos ainda de maneira bem viva a série de conferências que ele fez como introdução a esta preocupação e as suas exigências e métodos, nos primeiros anos da década de setenta, para os alunos do Pontifício Instituto Bíblico. Nesta altura, já o projecto que conduziria a *Nueva Biblia Española*, de que mais adiante falaremos, se encontrava em movimento, dinamizado precisamente por Luis Alonso Schoekel, responsável pelo convite dirigido a Eugene Nida para aquelas conferências no Pontifício Instituto Bíblico.

---

<sup>38</sup> Vejam-se os seus livros *Toward a science of translating*, E. J. Brill, Leiden, 1964; e ainda *Bible translating*, United Bible Societies, Londres, 1961. Igualmente ligados a este projecto são os livros de Carlos BUZZETTI: *La Parola tradotta*, Morcelliana, Brescia, 1973, e Jean-Claude MARGOT, que durante largos anos foi consultor do grupo português para esta tradução: *Traduire sans trahir*, L'Âge d'Homme, Lausanne, 1979.

A focagem destas preocupações, que não ocupavam tanto a atenção dos biblistas tradicionais veio demarcar um novo âmbito científico que de início se definia e se identificava de maneira inteiramente clara. Muitas das suas preocupações e métodos não estavam tão presentes na metodologia tradicional de estudo da Bíblia e da sua transposição para outras línguas. A tradução tradicional, preocupada sobretudo com a determinação científica do conteúdo do original, era detentora de uma tranquila exactidão na sua formalidade; poderia designar-se o seu produto como uma tradução formal. O novo espírito e modelo de tradução não se mostrava satisfeito com a simples aplicação desse critério de rigor; exigia mais garantias para o processo de transposição textual e preocupava-se explicitamente com todo o circuito cultural e subjectivo de comunicação, inerente ao acto de tradução. Exigia-se que o alcance e a ressonância do texto original equivallesse ao eco que o mesmo estava apto a produzir no actual receptor. Daí o designar-se também esta tradução como de equivalência dinâmica. Como essa perfeita sintonia parecia pressupor a utilização de uma linguagem familiar e corrente, a designação de tradução em linguagem corrente ocorria naturalmente como designação alternativa, se bem que pudesse basear-se em pressupostos diferentes. É evidente que este objectivo levantava problemas técnicos que os biblistas, com o modelo curricular de formação de então, não estavam preparados para resolver e que não poderiam enfrentar senão de maneira mais ou menos intuitiva.

Entretanto, as Sociedades Bíblicas Unidas, entidade editorial de difusão da Bíblia patrocinada por várias confissões protestantes, tinham assumido um arrojado projecto de fazer deste modelo de tradução a base teórica para um programa de tradução da Bíblia a realizar no maior número possível de línguas e dialectos<sup>39</sup>. Eugene Nida era, aliás, conselheiro de tradução da American Bible Society.

Há que dizer que, ao mesmo tempo que levavam por diante esta tarefa de intenção profundamente pedagógica e comunicativamente condescendente, as Sociedades Bíblicas Unidas, procuravam criar em conjunto de documentos de trabalho que pudessem constituir base e apoio científico e pratico as numerosas equipas empenhadas na tradução em cada língua. São largas dezenas de títulos designados “Helps for translators”, que englobam edições de tex-

<sup>39</sup> Neste momento em que escrevemos, este projecto foi já realizado ou está em curso de realização em mais de cento e cinquenta línguas e dialectos, o que representa uma larga cobertura da rede de línguas e culturas com significativa representação social.

tos<sup>40</sup>, dicionários<sup>41</sup>, exame crítico de problemas textuais<sup>42</sup>, manuais de apoio a tradução de muitos livros da Bíblia e questões técnicas<sup>43</sup> e mesmo uma revista quadrianual<sup>44</sup>, na qual<sup>45</sup> Ignazio Mendoza tratou de maneira muito elogiosa uma antologia de textos destinada às crianças e derivada desta tradução portuguesa.

Para cada área regional, uma equipa de tradutores mais ou menos complexa tentava realizar o projecto, com métodos adaptados às suas próprias circunstâncias<sup>46</sup>. Em Portugal, a equipa foi constituída por cinco elementos<sup>47</sup>, que funcionaram todos como tradutores e revisores

<sup>40</sup> As actuais edições críticas do texto bíblico hebraico (*Biblia Hebraica Stuttgartensia*) e grego (*The Greek New Testament*), juntando especialistas de crítica textual de várias confissões cristãs, incluindo católicos, e que são hoje quase universalmente seguidas, foram editadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas e sua correlativa alemã, no âmbito da criação de instrumentos científicos de apoio ao seu projecto de traduções, que de há bastantes anos se tem sobretudo concentrado nas traduções de equivalência dinâmica.

<sup>41</sup> Como o de Eugene NIDA: *Greek-english lexicon for the New Testament based on semantic domains*, N. York, 1988.

<sup>42</sup> *Preliminary and interim report on the hebrew Old testament text project*, N. York, 1975-1980. Deste nasceu um relatório final de vários volumes, que teve como responsável editorial Dominique BARTHELEMY e foram integrados no n.º 50 da colecção *Orbis Biblicus et Orientalis*, das Presses Universitaires de Fribourg (Suíça) e da Vandenhoeck & Ruprecht Goettingen, com o título de *Critique textuelle de l'Ancien Testament*.

<sup>43</sup> *Fauna and flora of the Bible*, N. York, 1980.

<sup>44</sup> *The Bible translator*, sediada em Londres, com dois números por ano de "Technical papers" dirigidos actualmente por P. Ellingworth, Universidade de Aberdeen, e dois de "Practical papers," dirigidos por Euan Fry, Gordon, Austrália.

<sup>45</sup> Vol. 32, t n.º 4, Out. 1981, p. 444-446.

<sup>46</sup> Inicialmente, por respeito para com a autonomia do texto bíblico, nas edições das Sociedades Bíblicas Unidas não se costumava referir o nome dos tradutores. Assim aconteceu com as edições deste mesmo projecto, em inglês *Good News Bible*, The Bible Societies, Collins/Fontana, 1976; em português (Brasil), A Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1988; a castelhana (America Latina), Dios Habla Hoy, Sociedades Bíblicas Unidas, (Nova York), 1979. No entanto, outras edições começaram a apresentar as equipas de tradutores e outros colaboradores. Fazem-no discretamente não em frontispício, mas dentro de um texto de introdução ou de apêndice. Assim, vê-se que a tradução alemã *Die Bibel, in heubgem Deutsch*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1982, o grupo estrito de tradução era composto por seis pessoas, que foram apoiadas e aconselhadas por um conjunto mais alargado de especialistas: a tradução francesa, *La Bible, Ancien et Nouveau Testament*, Alliance Biblique Universelle, Paris, 1982, foi levada a cabo por uma equipa de cinco tradutores. Já a equipa que fez a tradução italiana de *La Biblia, traduzione interconfessionale in lingua corrente*, Ed. Elle Di Ci, Torino, Alleanza Biblica Universale, Roma, 1985, foi muito mais numerosa, contando quatro tradutores para o Novo Testamento e dez para o Antigo, sem referir ainda os revisores e conselheiros permanentes.

<sup>47</sup> Depois de inicialmente alguns outros terem estado ligados a tradução, aqueles que acabaram por assumir responsabilidade por textos finais, como consta da carta ao leitor, são: António Augusto Tavares, António Pinto Ribeiro Júnior, entretanto falecido, João Soares de Carvalho, Joaquim Carreira das Neves, José Augusto Ramos e Teófilo Ferreira.

do trabalho uns dos outros. Enquanto se trabalhou sobre o Novo Testamento, por onde se começou, o trabalho de coordenação foi genericamente assumido pelo Doutor João Soares de Carvalho, da Faculdade de Letras de Lisboa. Mas o processo de trabalho, naquela altura, era rigorosamente colectivo e o texto final era sempre discutido e acordado em reunião plenária da equipa. Isto implicava uma lentidão impossível de aplicar a toda a Bíblia. E assim, na parte do Antigo Testamento e na fase final de produção de toda a Bíblia, o coordenador da equipa foi José Augusto M. Ramos.

A ligação ao processo mundial de tradução fazia-se não só através dos materiais de “Helps for translators” referidos, mas também através do diálogo com uma série de consultores que liam e criticavam os textos produzidos pela equipa e com ela trabalhavam em plenários de vários dias, repetidos diversas vezes por ano. Foram consultores, por parte das UBS, Robert Brattcher, Paul Ellingworth, Ignazio Mendoza, Jan de Waard e Jean-Claude Margot.

Além destes, outras pessoas colaboraram mais ou menos regularmente com a equipa técnica de tradutores<sup>48</sup>.

Dada a longa duração de uma tarefa deste teor, entendeu-se que o melhor seria fazer do diálogo com o público leitor um processo de melhoramento das soluções a adoptar. Neste sentido, foram sendo feitas edições provisórias de várias partes da Bíblia, à medida que a tradução ia recebendo uma forma mais comunicável<sup>49</sup>. E aqui temos mais um aspecto comunitário significativo na génese desta tradução. Esta

---

<sup>48</sup> É de referir, em primeiro lugar, a preciosa colaboração da Dr.<sup>a</sup> Felícia Noémia Esperança, que actuou como secretária permanente da comissão técnica, mesmo como anotadora do texto sobre o qual nas reuniões de tradução se estabelecia consenso, e foi a paciente e meticulosa revisora das intermináveis provas tipográficas, a que uma composição em computador feita em Londres obrigava. Nesta última tarefa foi ainda, durante algum tempo, coadjuvada pela Dr.<sup>a</sup> Miriam Priscila Lopes Valente. O Pastor Augusto A. Esperança, na sua qualidade de Director da Sociedade Bíblica de Portugal, foi não só o perene animador do trabalho como foi verdadeiro conselheiro da equipa técnica, sobretudo na primeira fase de Tradução colectiva, a cujas sessões sempre esteve presente. Em ordem a aprovação por parte do Episcopado português, D. Américo Henriques fez uma revisão exegética, dando sugestões que foram consideradas e muitas aceites pela coordenação e Francolino J. Gonçalves fez também uma leitura da tradução do livro de Isaías. E, para a edição dos deuterocanónicos Herculano Alves colaborou igualmente na revisão da tradução aproveitada da edição tradicional da Difusora Bíblica.

<sup>49</sup> A Sociedade Bíblica foi editando sucessivamente o Evangelho de S. Marcos, Lisboa, 1974; Os Quatro Evangelhos, Lisboa, 1976; O Novo Testamento, Lisboa, 1978; O Livro dos Salmos, Lisboa, 1984. Nestas edições provisórias, a Sociedade Bíblica declarava-se “receptiva a todas as sugestões e críticas que lhe forem enviadas”. E na verdade, muitas sugestões de leitores de vários níveis culturais foram objecto de reflexão em ordem a um texto definitivo.

publicação provisória integrou-se realmente no mecanismo conducente ao estabelecimento do texto definitivo. A edição do Novo Testamento foi vendida a mais de meio milhão de exemplares e muitos ecos sobre o texto voltaram para os tradutores, tendo sido objecto de ponderação, em ordem a possíveis correcções. Deixando de parte qualquer espécie de sentimentalismo, estamos com isto a pressupor a dimensão comunitária como essencial e autenticamente constituinte de qualquer dimensão que se pretenda cultural. E a expressividade colectiva e uma dimensão marcante no texto bíblico.

---

### 3.

#### *Características desta tradução*

---

Esta Bíblia assumiu, por conseguinte, um modelo novo, que foi aquele que apresentamos e que constituía um projecto mundial das Sociedades Bíblicas Unidas.

No início, como já dissemos, este modelo apresentava-se como claramente diferenciador, quando comparado com as traduções do tipo de traduções tradicionais. Tal era a demarcação dos dois modelos que se experimentava alguma hesitação em passar de um para o outro. Podemos dar como exemplo, duas ou três traduções famosas: uma mais antiga, a da Bíblia de Jerusalém<sup>50</sup>, e outra mais recente, a tradução interconfessional chamada Traduction Oecumenique de la Bible (TOB)<sup>51</sup>. Um caso original, por se tratar de um projecto cultural e editorial sem nenhuma cumplicidade confessional foi a Bíblia da Plêiade, que saiu a público entre 1956 e 1971, época que já verificámos ter sido imensamente rica de realizações. Foi dirigida por Edouard Dhorme, André Dupont-Sommer e Jean Grosjean<sup>52</sup>. Mas não teve até agora a repercussão que a sua qualidade certamente merecia. Comparada com estas a tradução que se dizia representar o modelo de equivalência dinâmica resultava, na altura, claramente diferente. E esta clara diferença podia suscitar hesitações entre dois tipos de texto tão variados, tanto

---

<sup>50</sup> Publicada inicialmente em fascículos, entre 1948 e 1955, foi-se cada vez mais afixando com o nome que a consagrou entre os especialistas e o povo. O seu texto actual é uma revisão de 1973. Esta tradução teve muito mais sucesso do que o alcançado pela tradução patrocinada pelo Pontifício Instituto Bíblico, que não é pior tradução, mas que não dispunha nem da plêiade dos biblistas francófonos nem da legibilidade internacional da língua francesa.

<sup>51</sup> *Traduction oecumenique de la Bible*, Ed. du Cerf / Les Bergers et les Mages, Paris, 1976.

<sup>52</sup> Esta Bíblia foi um importante projecto editorial que incluía o Antigo e o Novo Testamento e a literatura intertestamentária. *La Bible*, Gallimard, Paris, 1956-1971.

da parte dos leitores como até mesmo dos especialistas solicitados para este trabalho.

No entanto, os anos setenta trouxeram dados novos muito significativos. Novas traduções da Bíblia apareceram que perfilhavam objectivos muito semelhantes aos declarados no âmbito da tradução da equivalência dinâmica. Aqui se situam a pioneira *New English Bible*, que ofereceu o primeiro modelo da nova linguagem de tradução bíblica, de maneira tanto mais meritória quanto o trabalho preparatório desta tradução tinha começado imediatamente a seguir ao final da Segunda Grande Guerra. Afinal o projecto em si mesmo era contemporâneo da primitiva Bíblia de Jerusalém, mas acabava por apontar para um modelo que estava para além dela.

Publicada em 1975, a *Nueva Biblia Española* revela, até no título escolhido, alguma simpatia para com o modelo inaugurado pela *New English Bible*. E o facto é que esta tradução pôs em obra todo o conjunto de princípios hermenêuticos que se ligavam ao modelo de tradução dinâmica; conseguiu mesmo tomar opções e arrojar-se a soluções que em nenhuma tradução de equivalência dinâmica se viu serem ainda tomadas. Haja em vista a tradução de grande parte dos próprios topónimos bíblicos, para que as assonâncias que podem suscitar no actual leitor sejam análogas às que tinham os leitores antigos, que percebiam as assonâncias da toponímia no seu natural contexto semita<sup>53</sup>. Isto significa que a evolução da tradução bíblica nestes últimos vinte anos caminhou de uma maneira muito generalizada para um espaço comum ao da tradução chamada dinâmica, que nos anos sessenta soava como muito mas demarcada e divergente da tradicional. Tanto é assim que, mesmo em português, algumas das preocupações próprias do tipo de tradução que aqui apresentamos aparecem já a marcar a sua presença em várias outras traduções que, à partida, não se considerariam nem seriam identificadas com as características projectadas para esta<sup>54</sup>. Dos aspectos literários da tradução, talvez aquele

<sup>53</sup> Vejam-se as páginas 278-291 do livro de L. ALONSO SCHOEKEL e E. ZURRO: *La traducción bíblica: lingüística y estilística*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1977; José A. RAMOS, em Cadmo, (1991, p. 161-162.

<sup>54</sup> Não falamos já da edição de A Bíblia Sagrada, tradução na linguagem de hoje, editada pela Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1989, que pertence ao mesmo projecto editorial da tradução portuguesa que aqui apresentamos. Referimo-nos à já citada Bíblia da Editora Vozes, em cuja apresentação se marcam critérios hermenêuticos de tradução que coincidem e, portanto, confirmam o projecto editorial internacional das Sociedades Bíblicas Unidas. Referimo-nos igualmente a edição brasileira e a portuguesa da Bíblia Pastoral, em cujas opções para texto e notas, apesar de frequentes diferenças, se nota uma comunhão nos mesmos princípios. Esta coincidência sugere, sem dúvidas aspectos que merecem já um alargado consenso.

que mais caracteriza o projecto patrocinado pelas UBS seja a opção explícita pela língua corrente.

Para maior economia de meios, transcrevemos da própria introdução a esta Bíblia<sup>55</sup> os termos em que a sua tradução se define hermeneuticamente: “Sempre tivemos presentes os leitores, pensando na ressonância que cada alternativa de tradução podia significar para eles, tanto na leitura individual como na leitura em grupo. A escolha das palavras e das maneiras de falar e a sintaxe utilizada procuraram situar-se no quotidiano da vida dos futuros leitores. E é neste sentido que pretendemos fazer uma tradução em *português corrente*... Os responsáveis por esta tradução preocuparam-se em conseguir um texto claro e compreensível e o mais possível fiel ao conteúdo original. Esta preocupação levou-nos a realizar, para grande parte da Bíblia, uma tradução praticamente colectiva, servindo de base, em cada caso, a versão proposta por um dos tradutores<sup>56</sup>. E ainda: As traduções bíblicas mais correntes não representam na actualidade o modelo literal<sup>57</sup>... Tentam fazer uma tradução compreensível, mas ainda com a preocupação de manter certos aspectos formais do texto original. Quanto maior for esta preocupação tanto mais a tradução se aproxima do modelo literal e com maior facilidade aparecerão expressões estranhas e distanciadas do espírito da língua receptora. Dessa forma se compromete a clareza, havendo necessidade de recorrer ao uso excessivo de notas explicativas<sup>58</sup>. Assim, propusemo-nos evitar estes perigos e realizar uma tradução cuja finalidade principal fosse apresentar o significado do texto original de maneira compreensível. Tentamos evitar arcaísmos<sup>59</sup> e expressões próprias da língua original, tais como semitismos, que pudessem constituir obstáculos à compreensão. Esses aspectos formais podem ter algum interesse para estudiosos, mas não tanto para o lei-

<sup>55</sup> A redacção dos textos da Introdução à Bíblia foram da responsabilidade do autor destas linhas.

<sup>56</sup> Da secção introdutória ao leitor.

<sup>57</sup> A ideia de uma tradução literal é, aliás “utópica, inaceitável e impossível de se realizar, na prática, fora de algum caso muito delimitado”. Da secção introdutória *Princípios e características desta tradução*.

<sup>58</sup> Esta foi uma das razões pelas quais nesta tradução se não investiu tão amplamente em notas explicativas como é conhecido nas traduções do modelo da Bíblia de Jerusalém ou da TOB. Neste pormenor, são estas traduções de equivalência dinâmica mais coincidentes com a sobriedade praticada pela *New English Bible* e pela *Nueva Biblia Española*, que quase não tem nota nenhuma.

<sup>59</sup> Cfr. a alusão a rejeição análoga do “blical’ english” ou do “castellano biblico”, explicita na *New English Bible*, p. V, e na *Nueva Biblia Española*, p. 13; cf. Manuel Pedro CARDOSO: *O Novo Testamento para toda a gente*, Sociedade Bíblica, Lisboa, 1979, p. 45, sep. de Portugal Evangélico n.º 689, Fev. de 1989.

tor comum. Afastando-se do ideal literalista, esta tradução pretendeu ser totalmente rigorosa e fiel, evitando paráfrases ou a utilização de vocabulário que, sendo actual, não corresponderia com rigor a situação histórica do original Na escolha do vocabulário e da sintaxe, procurámos situar-nos a um nível médio do português actualmente falado.”<sup>60</sup>

Com estes objectivos, todo o decurso da tradução implicou necessariamente inumeráveis problemas literários e estilísticos. Destacamos só alguns.

No domínio lexical, procurou evitar-se não somente o vocabulário exclusivo de um ou outro grupo religioso, mas inclusivamente um vocabulário que se mostrasse demasiadamente confinado dentro da linguagem religiosa. Os primeiros anos da tradução foram muito marcantes neste sentido. O ideal de conseguir uma versão popular era teoricamente um objectivo muito sublinhado. No caso português, dada a sensibilidade própria dos anos que se seguiram ao 25 de Abril, este ideal pesou sensivelmente na tradução do Novo Testamento, que então se estava a preparar, em sessões de trabalho colectivo e conjunto. Estas circunstâncias acentuaram de tal maneira o factor aqui referido, que se pode considerar que o impacto de tal mentalidade nesta parte da tradução tem um cunho histórico bem marcante. Houve provavelmente algum excesso de zelo, como no caso da tradução de sinagoga por “casa de coração”<sup>61</sup>. Mas, na altura, a equipa sentiu necessidade de optar pela maior clareza na linguagem e decidiu-se a marcar a diferença.

No entanto, uma das questões mais espinhosas, que teve de ser continuamente sujeita a reflexão e revisão, foi a das formas de tratamento. Criou-nos grandes problemas literários a dificuldade reconhecida no português falado estandardizado, relativamente às várias modalidades de tratamento para a segunda pessoa do plural, tanto nas formas verbais como nas pronominais. A prática do falar português, neste pormenor, para além de ter claras diferenças de sensibilidade regional, o que é natural e compreensível, consente também muitas incongruências<sup>62</sup>. Basta verificar o discurso dialogal da nossa actual

<sup>60</sup> Da secção introdutória *Princípios e características desta tradução*.

<sup>61</sup> E sensata a crítica feita por Manuel Pedro CARDOSO: op. cit. p. 5.

<sup>62</sup> Ver Helena Mateus SILVA: “Notas sobre você e vocês, pronomes pessoais de 2.ª pessoa no português europeu”, em *Arquipélago*, 12 (1991), p. 129-142, com básico reenvio para o clássico de Luís Filipe Lindley CINTRA: *Sobre “as formas de tratamento” na língua portuguesa*, Lisboa, 1986 e outra bibliografia. É o problema da compaginação de modelos gramaticais como: A: *Fazei o que vos disserem os vossos amigos* (lógica formal de 2.ª pessoa); B: *Façam o que lhes disserem os seus amigos* (lógica radical de 3.ª pessoa do plural sintacticamente uniformizada); ou C: *Façam o que vos disserem os vossos amigos* (lógica mista de 2.ª e 3.ª pessoas equivalentes). A hipótese A foi deixada de lado logo a partida por nos parecer que ela se afastava da

literatura de ficção, para ponderarmos a interferência desta língua falada no espaço da escrita. Pode-se confessar que aqui tivemos uma das maiores dificuldades literárias desta tarefa de tradução, dependente da actual condição de insegurança e algum deslizamento do falar português na sintaxe dos pronomes pessoais e possessivos atinentes às fórmulas de tratamento. Esta foi uma maneira de sofrermos no nosso próprio espírito as dificuldades da evolução da nossa própria língua e de pagarmos também tributo às aventuras da nossa condição cultural comum. O facto milenar do enraizamento dos textos bíblicos na evolução das nossas culturas e línguas dá um alcance mais profundo a esta inevitável solidariedade.

Adoptar uma onomástica e toponímia uniformizada foi evidentemente uma operação técnica que obrigou a opções, dada a não existência de um padrão completo admitido em português. Mas, apesar da sua complexidade técnica, era uma opção simples. E sabida a total falta de convenção e a incongruência prática no uso das onomásticas e toponímias bíblicas e orientais, em geral, quando se trata de aporuguesar os nomes próprios. A equipa preparou um prontuário completo de onomástica bíblica próprio desta tradução Nisto, procurou ater-se o mais possível a pronúncia do nome atestada pelo texto hebraico, exceptuando formas sentidas como já inteiramente aceites em português, e tentou-se que o aporuguesamento de cada nome se acomodasse ao carácter popular desta tradução. O resultado, em geral, foi um progressivo afastamento da forma greco-latina dos nomes bíblicos, sem pretender coincidir em cada caso com as onomásticas praticadas, também sem uniformidade, no âmbito da literatura científica.

---

## 4.

### *A dimensão interconfessional*

---

Não pretendo tratar desta tradução como simples exemplo de atitude ecuménica, se bem que possa ter representado, sob este ponto de

---

forma mais difundida do português falado, se bem que ainda corresponda a um modelo de língua preferido regionalmente, no Norte do País, por exemplo. Nos textos que saíram em publicação provisória, a opção seguida foi a hipótese B. Mas esta solução considerada por muitos leitores como demasiado radical e violenta relativamente ao português realmente falado e veiculado pelos meios de comunicação mais influentes. E assim, na revisão em ordem ao texto definitivo da Bíblia, decidiu-se passar para o modelo C, mantendo o “você” do português falado, mas com o máximo de economia possível.

vista, uma experiência muito gratificante<sup>63</sup>. Mas parece-me que merecem ser sublinhadas as dimensões culturais e hermenêuticas ligadas ao carácter interconfessional desta tradução.

Uma primeira repercussão hermenêutica deste estatuto de interconfessionalidade pode ser o reconhecimento conjunto de um texto bíblico como elemento configurante e identificador de um núcleo de ideias religiosas, criador de solidariedade. Isto significa culturalmente mais do que a simples tolerância em ordem a mútua convivência no espaço social.

Uma consequência literariamente mais concreta e a margem de consensualidade criada ter levado ao estabelecimento de um novo figurino de Bíblia, que não corresponde inteiramente a nenhum dos dois modelos tradicionais, o católico e o protestante. As Bíblias de edição católica tendiam a um certo dirigismo, de sabor algo paternalista e doutrinalmente ortodoxizante, que se concentrava sobretudo no tratamento caquético ou ocasionalmente ascetico-ideológico das notas e introduções. Pelo contrário, as Bíblias de edição protestante, mais sensíveis ao texto por si mesmo, tendiam a quase eliminar os comentários introdutórios e as notas de rodapé. Isto não impedia que tivessem, em torno ao texto bíblico, uma densa rede de envolvimento teológico, que parece implicar maior literalismo do que a sensibilidade católica. Ora, esta Bíblia tem menos e diferente tipo de notas que o tradicional modelo católico e mais do que o tradicional modelo protestante. Mesmo assim, optou-se por notas de tipo informativo, quer textual, quer literário quer histórico, evitando as de desenvolvimento doutrinal. Apesar da sobriedade que a caracteriza, esta Bíblia tem, no entanto, bastante mais notas do que algumas das suas edições congêneres em línguas estrangeiras<sup>64</sup>. Nesta opção de notas sim mas com sobriedade, a edição portuguesa esta mais em convergência com o caminho tomado nas edições francesa e italiana<sup>65</sup>. Para se entender este

<sup>63</sup> Ver José A. RAMOS: "A tradução da Bíblia em português corrente, uma experiência ecuménica", em *Communio* 14 (1987) 5, p. 478-481. A nível institucional, a interconfessionalidade esta expressa na solidariedade das opções tomadas de comum acordo e constantes dos *Guiding principles of interconfessional cooperation in translating the Bible*, United Bible Societies, Londres, e Secretariat for Promoting Christian Unity Roma, 1968. Sobre a história das Sociedades Bíblicas Unidas e alguma convergência procurada por uma análoga organização católica, ver Laton E. HOLMGREN: "Sociétés bibliques", em *Dictionnaire encyclopédique de la Bible*, Turin, 1987, p. 1213-1215.

<sup>64</sup> Nomeadamente a *Good News Bible*, a *Die Bible*, in *heutigem Deutsch*, a *Dios habla hoy* e a *Bíblia Sagrada* (edição brasileira).

<sup>65</sup> São as já referidas *La Bible*, *Ancient et Nouveau Testament*, e *La Biblia*, *traduzione interconfessionale in lingua corrente*.

tipo de opções nas traduções deste modelo recente da Bíblia, há que dizer que as duas que, no sentido acima explicado, também seguem este modelo e estão fora do programa das Sociedades Bíblicas Unidas apresentam-se praticamente desprovidas de notas <sup>66</sup>.

Em matéria bíblica, uma opção textual que tem indiscutivelmente a ver com os problemas da interconfessionalidade e o problema dos livros deuterocanónicos, que eram parte integrante no cânone de origem judaica alexandrina, com base no grego, mas que foram deixados de fora, posteriormente, na definição estrita do cânone judaico palestinese, com base no hebraico. Até a Reforma, o cristianismo praticamente sempre seguiu a tradição de base grega, o que fazia da questão deuterocanónica uma questão de relação entre cristãos e judeus, quanto a materialidade literária do Antigo Testamento, ou da Bíblia, para os judeus. Depois, os ambientes reformados começaram a ser cada vez mais sensíveis a essa distinção até que, em tempos mais recentes, estes livros deixaram de aparecer de todo nas edições protestantes, acabando por, tardiamente, transformar esta diferença numa das principais questões bíblicas entre cristãos. Dada a importância deste problema, foi objecto de um entendimento entre as Sociedades Bíblicas Unidas e a Igreja Católica <sup>67</sup>, segundo o qual estes livros apareceriam como um bloco específico colocados entre o Antigo e o Novo Testamento.

<sup>66</sup> É o caso da *New English Bible* e da *Nueva Biblia Española*.

<sup>67</sup> *Guiding principles for Interconfessional...*, p. 2, A. 2.